



Contribuições Teóricas para a Compreensão do Desenho Infantil

Theoretical Contributions to the Understanding of Children's Drawing

Gabriella Moura Martins

Resumo: O presente estudo teve como objetivo central investigar a compreensão do desenho infantil no processo de desenvolvimento e aprendizagem até os 5 anos na educação infantil. Contou com as contribuições de diferentes autores. Inicialmente, ao revisar a História do desenho infantil, utilizou-se ideias de autores, como Luquet (1969); Kellogg (1969); Lowenfeld (1980); Vygotsky (2009); Derdyk (2015) e Boriollo (2022). Para a geração de dados, foram realizadas sessões de observação participante e a catalogação de desenhos infantil. A análise dos dados, dentre outros aspectos, revelou que: os desenhos feitos pelas crianças têm um papel importante na preservação e compreensão do contexto cultural em que estão inseridas; o desenho infantil é uma ferramenta multifacetada, útil para promover o desenvolvimento emocional, cognitivo, motor e comunicacional das crianças.

Palavras-chave: desenvolvimento emocional; motor; garatuja; desenho infantil.

Abstract: The main objective of this study was to investigate the understanding of children's drawings in the development and learning process up to the age of 5 in early childhood education. It included contributions from different authors. Initially, when revisiting the history of children's drawings, ideas from authors such as Luquet (1969); Kellogg (1969); Lowenfeld (1980); Vygotsky (2009); Derdyk (2015) and Boriollo (2022) were used. To generate data, participant observation sessions and the cataloging of children's drawings were carried out. Data analysis, among other aspects, revealed that: children's drawings play an important role in preserving and understanding the cultural context in which they are inserted; children's drawings are a multifaceted tool, useful for promoting children's emotional, cognitive, motor and communicational development.

Keywords: emotional development; motor development; scribbling; children's drawing.

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda o desenho infantil e suas influências para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças de 1 a 5 anos na educação infantil. O desenho infantil, como prática humana multifacetada, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento socioemocional, cognitivo e perceptivo da criança. Os rabiscos iniciais são tão inocentes quanto reveladores, são os primeiros passos de um processo que se abre entre nossos pensamentos e a ponta do lápis.

Apesar de o desenho infantil ser uma das primeiras formas de expressão utilizadas pelas crianças, muitas vezes ele é subestimado no contexto escolar, sendo tratado como uma atividade meramente recreativa. Diante disso, surge a seguinte questão: de que forma o desenho infantil contribui para o desenvolvimento

e a aprendizagem das crianças de 1 a 5 anos na educação infantil, e como essa prática pode ser melhor valorizada no ambiente pedagógico?

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as influências do desenho infantil no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças de 1 a 5 anos na educação infantil.

Objetivos específicos são investigar como o desenho se manifesta nas diferentes fases do desenvolvimento infantil; compreender as abordagens teóricas que sustentam a valorização do desenho infantil no processo educativo.

Ao desenhar, a criança pode explorar sua criatividade e habilidades motoras finas, ao narrar histórias, desenvolve sua capacidade linguística e habilidades de comunicação. Além disso, o ambiente rico em estímulos criativos contribui para a autoexpressão, a autoconfiança e o bem-estar emocional da criança, fortalecendo sua identidade e sua conexão com o mundo ao seu redor.

Para Derdyk (2015), o ato de desenhar apresenta uma essência singular, caracterizada pela sua capacidade de transmitir ideias, imagens e símbolos através de uma variedade de substratos, tais como papel, cartolina, lousa, paredes, solo, areia, madeira e tecido. Este processo criativo se utiliza de uma diversidade de suportes, como lápis, carvão, giz, pincel, caneta hidrográfica, entre outros, enquanto a criança se entrega ao desenho, à música, à narração de histórias, à dramatização, à imaginação ou até ao silêncio.

O desenho inspira outras formas de expressão que ocorrem em conjunto, formando uma unidade inseparável, permitindo uma jornada vasta pelo mundo imaginário.

Perspectivas do Desenho Infantil

Segundo Boriollo (2022), George-Henri Luquet foi um pioneiro no estudo do desenho infantil. Em 1913, ele realizou investigações ao observar e acompanhar os desenhos de sua filha Simonne. Ele destacou que o desenho para a criança é uma atividade por diversão, é como um jogo para ela. A criança começa a desenhar involuntariamente e, quando percebe que pode controlar as marcas no papel, passa a fazê-lo voluntariamente. Ele reforça que o repertório gráfico da criança está ligado ao lugar em que ela vive e sua experiência visual.

A criança desenha a partir de modelos internos, imagens que conhece e que permanecem em sua memória. Seu objetivo é representar objetos da realidade conforme sua própria compreensão. O desenho infantil caracteriza-se por um realismo peculiar, no qual a criança representa o mundo a partir da sua perspectiva. À medida que cresce, suas criações evoluem, refletindo seu desenvolvimento cognitivo e sua compreensão do mundo ao redor.

As observações de Luquet abriram caminhos para investigações posteriores sobre o desenho infantil, destacando a influência do ambiente e da experiência visual na produção gráfica. Essa compreensão tem implicações significativas no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, bem como na prática educacional e na promoção do pensamento criativo.

De acordo com Kellogg (1969), ao desenhar, a criança tende a escolher espontaneamente traços derivados de rabiscos básicos, que se mantêm consistentes em seus desenhos e surgem a partir de sua própria percepção. Ela seleciona uma série de símbolos preferidos e os combina em novas produções. Para a pesquisadora, o rabisco espontâneo representa um momento de total liberdade de expressão. Nesse contexto, a simbolização gráfica segue um padrão universal, que inclui elementos como círculos, cruzes, mandalas e diagramas.

Estímulos que favorecem a criatividade e a expressão livre durante o estágio dos rabiscos espontâneos são fundamentais para o desenvolvimento artístico e cognitivo. Um ambiente que incentive a experimentação, sem julgamentos ou restrições, pode contribuir significativamente para o fortalecimento da autoconfiança, da imaginação e das habilidades motoras da criança.

Segundo Lowenfeld e Brittain (1980), a criação é um processo interno que surge do próprio ato de criar, permitindo o desenvolvimento do eu e da autoexpressão. Eles afirmam que “um trabalho artístico não é a representação de uma coisa, mas sim das experiências que temos com a coisa” (Lowenfeld e Brittain, 1980, p. 64). De acordo com esses autores, as influências externas, os modelos e o legado artístico da humanidade exercem uma forte influência, pois incentivam a imitação e a reprodução de um padrão adulto, interferindo com estereótipos e restringindo a expressão livre da criança.

Precisamos entender o perigo dessas influências restringirem a expressão criativa da criança. A pressão para imitar padrões adultos e a exposição a estereótipos podem limitar a liberdade de expressão e inibem a originalidade na criação artística.

Devemos, portanto, estar atentos ao risco que essas influências representam para a liberdade criativa infantil. A pressão para imitar modelos e a exposição a estereótipos podem restringir a originalidade e inibir a expressão espontânea das crianças. Por isso, é essencial proporcionar ambientes que incentivem a expressão livre, permitindo que cada criança desenvolva seu estilo artístico próprio.

A Perspectiva de Lowenfeld

Abordaremos as três fases do desenvolvimento do desenho na infância: garatuja desordenada, garatuja ordenada, garatuja nomeada, com base nos pressupostos de Lowenfeld (1980):

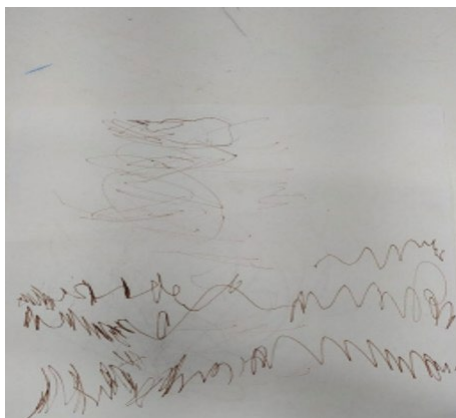
Garatuja Desordenada: Esta é a primeira fase, que ocorre entre um ano e meio a dois anos de idade. Nesta fase, a criança faz garatuja de forma desordenada e caótica, muitas vezes sem uma direção específica no papel. Ela ainda não tem uma noção clara do espaço total do papel e não atribui significado a seus desenhos.

Imagem 1 - Garatujas Desordenadas.

Fonte: AnaLu, 2 anos.

Sobre uma folha de papel sulfite, a criança utilizou canetas hidrográficas para criar o que, à primeira vista, parece um emaranhado de linhas. Há traços curtos e longos, feitos com movimentos amplos do braço. As cores são variadas — vermelha, azul e marrom — aplicadas sem uma ordem ou intenção de preencher espaços específicos.

Garatujas Ordenadas: A segunda fase começa por volta do segundo ano de vida da criança. Nessa fase, a criança começa a perceber a conexão entre seus movimentos e os traços que fazem no papel. Ela passa de traços contínuos para traços descontínuos, controlando o tamanho, forma e localização dos desenhos no papel. No entanto, ainda não faz conexões entre o que desenha e a realidade.

Imagem 2 - Garatujas Ordenadas.

Fonte: Gabriel, 2 anos

A criança escolheu uma cor para fazer todo o desenho; observamos que a pressão na qual segura o riscante muda, tornando alguns traços diferentes - isso

demonstra uma certa regularidade nos padrões de desenhos e uma resistência à mudança. Os traços realizados são muito parecidos, o que remete ao conforto da criança em fazer algo que já domina. De fato, o desenho foi realizado por uma criança mais discreta e observadora.

Garatujas Nomeadas: A última fase ocorre em média por volta do terceiro ano de vida da criança. Neste estágio, a criança começa a fazer comentários verbais sobre seus desenhos e dá nomes a eles. Ela passa mais tempo desenhando e distribuindo melhor seus traçados no papel. Os seus desenhos tornam-se mais ricos e complexos, com movimentos circulares e longitudinais - que podem se assemelhar a objetos reconhecíveis. As crianças começam a perceber que há uma analogia entre o que desenham e objetos que conhecem.

Imagem 3 - Garatujas Nomeadas.



Fonte: Hadassa, 3 anos: “Eu desenhei um passarinho, perto da minha casa, era um pica pau na flor”.

A criança mora perto da escola, em uma comunidade cercada por árvores e um córrego. É comum a presença de pássaros, inclusive na creche. Ao observarmos o desenho acima, notamos que a criança coloca a pressão adequada nas canetinhas de forma que os traços são firmes e seu desenho envolve a maior parte da folha - isso demonstra autoconfiança. De fato, essa criança mostra muita autonomia e confiança ao participar e conviver com os demais. Contudo, os desenhos são fontes de registros pessoais que revelam traços da personalidade.

No geral, esse desenvolvimento do desenho na infância reflete a evolução da progressão motora, percepção espacial e capacidade de representação simbólica das crianças. À medida que crescem, elas progridem de simples rabiscos para desenhos mais elaborados e atribuem significados aos seus desenhos à medida que desenvolvem a capacidade de compreender e expressar o mundo ao seu redor por meio do desenho.

De acordo com Mèredieu (2017), o desenho infantil é, muitas vezes, visto como subordinado ao mundo adulto, pois a criança, geralmente, só desenha quando

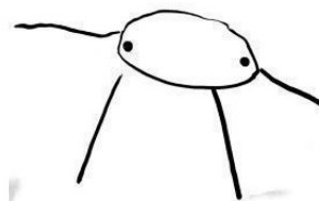
lhes são oferecidos materiais por um adulto, e é este adulto quem também determina quais materiais serão disponibilizados. No entanto, durante o ato de rabiscar, a criança se liberta das influências e restrições adultas, pois sua criação é instantânea e seu traço é dinâmico, resultante do gesto que o produziu.

Essa liberdade durante o processo criativo permite que a criança explore e expresse suas próprias ideias, sentimentos e percepções, sem estar totalmente condicionada às expectativas ou direcionamentos dos adultos. Essa perspectiva ressalta a importância de reconhecer a autonomia e a criatividade intrínseca das crianças no processo de criação artística, e destaca a necessidade de proporcionar ambientes que incentivem a expressão livre e autêntica, permitindo que as crianças desenvolvam plenamente suas capacidades artísticas e imaginativas.

Vamos analisar, a seguir, as ideias de Vygotsky (2009), um importante teórico que se preocupou com o desenvolvimento psíquico das crianças e como esse desenvolvimento ocorre durante o processo de desenhar. A função psíquica do desenho deixa de ser um meio auxiliar de comunicação e, conscientemente, assume um papel principal na vida do indivíduo, marcando um novo estágio superior de desenvolvimento. Infelizmente, nem todos os indivíduos chegam ao final desse processo de desenvolvimento do desenho, ou não o percorrem com a qualidade necessária. Em muitas escolas, com o início do processo de escrita, ocorre uma estagnação do desenho. O advento da escrita faz o desenho perder seu valor comunicativo, e poucos incentivos são dados para a continuidade do processo criativo. Vygotsky identificou uma série de etapas no desenvolvimento do desenho infantil.

Na primeira fase, a Fase do Esquema, as crianças estão começando a expressar suas ideias através do desenho, mas de uma maneira simplificada e afastada da realidade. Isso significa que as representações que elas fazem ainda não são muito detalhadas. Neste estágio, as crianças desenharam a partir da memória, sem a necessidade de um modelo visual. Elas colocam no papel o que já conhecem e o que consideram mais importante sobre o objeto ou figura que estão desenhando. Um exemplo disso são as figuras humanas. As crianças nessa fase tendem a desenhar corpos humanos de forma básica, muitas vezes representando-os apenas como “cabeças e pés”. Imagine que um adulto se abaixe para ficar no nível de uma criança e olhe para outro adulto em pé à sua frente. O que ele notará? Provavelmente, a primeira coisa que chamará a atenção são a cabeça, as pernas e os braços da pessoa em pé.

Imagem 4 - “Fase do esquema”.



Fonte: Gabriel Arthur, aluno da Educação Infantil. Arquivo pessoal.

Portanto, ainda na fase do Esquema, as crianças estão simplificando o mundo ao seu redor em seus desenhos, destacando apenas as características mais notáveis e significativas. Isso é uma parte fundamental do processo de desenvolvimento do desenho infantil, à medida que as habilidades de representação visual se aprimoram ao longo do tempo.

Imagem 5 - “Formalismo-Esquemático”.



Fonte: arquivo pessoal. Maria Vitória, aluna da educação infantil.

Na segunda fase, conhecida como “Formalismo-Esquemático”, algo especial acontece na jornada do desenho das crianças. Embora ainda existam traços de simplicidade nos desenhos, algo novo surge. As crianças começam a perceber a forma e as linhas nos objetos que desenharam. Elas querem fazer com que suas representações se pareçam mais com o mundo real, então começam a conectar a forma geral de algo com suas partes individuais. Mesmo que seus desenhos ainda sejam esquemáticos, elas começam a adicionar mais detalhes, e as figuras humanas ganham mais vida, sendo representadas de maneira mais completa.

Imagem 6 - “Desenho realista”.



Fonte: arquivo pessoal. Ray, aluno da educação infantil.

Ao avançarmos para a terceira fase, chamada de “Desenho Realista”, algo notável acontece. O esquema inicial começa a desaparecer, e as crianças se

esforçam para criar desenhos mais fiéis à realidade. Elas tentam retratar o que vem da maneira mais precisa possível. As imagens tornam-se mais bidimensionais, e as crianças se dedicam a capturar detalhes como movimento, postura, cenários e até mesmo pequenos elementos.

Imagem 7 - “Escalão da Imagem Plástica”.



Fonte: arquivo pessoal. Reginaldo José, aluno da educação infantil.

Chegamos, então, à quarta fase, o “Escalão da Imagem Plástica”. Aqui, as crianças dão um salto criativo. Elas começam a adicionar perspectiva aos seus desenhos, tornando-os verdadeiras obras de arte. Vygotsky (2009) nos diz que as crianças, que antes desenhavam por diversão e processo criativo, agora veem seus desenhos de maneira mais profunda, conectando-os ao mundo ao seu redor. A partir desse ponto, o desenvolvimento do processo de desenho exige mais investimentos, como aprender técnicas e explorar o rico legado artístico da humanidade.

De acordo com Vygotsky (2009), a criação é essencial para a existência humana. Ela nos ajuda a entender nosso passado, a idealizar um futuro melhor e a transformar nossa realidade. Ao contrário de outros animais, os seres humanos se adaptam ao mundo natural e, intencionalmente, criam um mundo cultural e comunicativo, cheio de conceitos, símbolos e significados que compartilhamos socialmente.

O ato de desenhar é uma manifestação poderosa da imaginação, permitindo-nos explorar mundos internos, idealizar possibilidades e expressar conceitos complexos através de formas e cores, conectando-nos, assim, não apenas com nossa individualidade, mas, também, com o rico tecido da experiência humana compartilhada.

De acordo Vygotsky (1987 *apud* Boriollo 2022), a imaginação é impulsionada por necessidades e desejos, e corresponde ao surgimento de novas imagens, as quais alimentam a atividade criadora. A qualidade e variedade de experiências vivenciadas pelo indivíduo contribuem para enriquecer seu repertório de conhecimento e potencializar o processo imaginativo. A imaginação também é influenciada pelo contexto vivido, pelas possibilidades de interação e pelo momento histórico, cultural e econômico.

Tanto a ciência quanto a arte possibilitam o uso da imaginação criadora, uma vez que oferecem uma multiplicidade de experiências e oportunidades de interação com materiais, conhecimentos e fenômenos naturais e artificiais. Quanto mais ricas forem as vivências da criança, mais elementos ela terá à sua disposição para o processo de criação e imaginação. O entendimento da atividade criadora na criança exige que o professor compreenda as particularidades de seu processo de desenvolvimento psíquico. É importante esclarecer que a imaginação não flui naturalmente na criança; ela parte da realidade vivida e recorre às suas experiências.

A atividade de desenho percorre um longo caminho até se transformar em uma atividade criadora. Inicialmente, o desenho atuava como uma função psíquica superior, desempenhando um importante papel como meio auxiliar de comunicação com o mundo. Posteriormente, após a fala, o desenho se torna uma das linguagens mais utilizada pelas crianças para se comunicarem. É por meio do desenho que elas simbolizam e atribuem significados intencionais aos traços.

De acordo com Boriollo (2022) *apud* Vygotsky (1987), a atividade criadora é vital para o ser humano, pois é através dela que ele projeta o futuro, planeja instrumentos para interferir no meio natural e pode satisfazer suas necessidades, aventurando-se rumo ao desconhecido. A atividade criadora não surge do nada; ela é uma função combinatória, resultado da união entre a realidade e a fantasia, fruto das experiências e da apropriação da cultura humana.

Segundo Vygotsky (2009), existe uma diferença entre a criação estética do artista e a criação infantil. Enquanto o adulto busca intencionalmente formas de se relacionar com o outro e com materiais em sua forma e materialidades para provocar seu processo criativo, a criança não se preocupa com o produto final, mas sim com a vivência do processo, as relações, os sentimentos e as possibilidades de jogo e brincadeira. A criação infantil é transitória e não tem a intenção de criar valores objetivos. Portanto, a criança não tem mais imaginação do que o adulto, e o papel deste último, especialmente do docente, é de suma importância para o desenvolvimento da imaginação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças, através do jogo, da brincadeira e do desenho, lançam-se a um mundo desconhecido com curiosidade, investigando tudo e todos de corpo inteiro. Cada parte do corpo - olhos, mãos, pés, boca, nariz e pele - participa ativamente desse processo de desenvolvimento da criação. Quando a atividade é mediada intencionalmente pelo docente, a consciência se eleva.

De acordo com Vázquez (1977 *apud* Boriollo 2022), ao final do processo de desenvolvimento do desenho, quando ele assume características de trabalho artístico ou produtivo, a criação transitória da criança se transforma e a criatividade e a técnica se unem com o objetivo consciente de criação original, desenvolvendo-se, então, a práxis criadora.

No entanto, apenas dominar as técnicas não é suficiente - é preciso ter clareza sobre o que se quer comunicar, para quem e por quê. O aprimoramento das técnicas também não está ao alcance de todos, já que depende do acesso ao conhecimento e aos materiais adequados.

De acordo com Boriollo (2022), com o tempo, as crianças passaram a ter acesso a materiais mais adequados para a realização de desenhos. O desenho infantil, antes considerado como traços sem sentido, evolui desde os primeiros rabiscos até formas de realismo intelectual, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento das crianças.

A seguir, sintetizamos as informações sobre as fases do desenho, segundo Boriollo (2022) *apud* Vygotsky (2009), baseando-se nas investigações de Kerschensteiner (1905), para explicar o que acontece com os processos de desenvolvimento psíquico da criança em cada uma dessas fases.

Quadro 1 - Fases do desenho infantil.

Fase ou Escalão	Características
Fase do Esquema	- Representações esquemáticas e distantes da forma real.
	- Desenhos feitos de memória, sem observar um modelo.
	- Figuras humanas representadas por “cabeças e pés”.
Fase do Formalismo-Esquemático	- A criança busca estabelecer relação entre forma e partes, buscando uma representação mais próxima da realidade.
	- Adição de vários detalhes aos desenhos.
	- Figura humana representada de forma mais completa, ainda que de maneira esquemática.
Fase do Desenho Realista	- Desaparecimento do esquema em favor de representações fiéis com silhuetas e contornos.
	- As imagens são planas e as crianças desenhavam o que veem, esforçando-se para representar movimento, postura, cenário, detalhes.
Fase do Escalão da Imagem Plástica	- Introdução da perspectiva plástica no desenho, realizando um desenho artístico.
	- Percepção do desenho em relação ao mundo exterior, após inicialmente desenharem pelo processo de brincadeira sem preocupação com o produto final.

Fonte: adaptado pela autora.

Neste estudo foram relacionados dados teóricos oriundos de fontes diversas. Pesquisas realizadas no âmbito educacional permitiram compreender as disposições biológicas (cerebrais) e culturais relacionadas ao desenho infantil.

No contexto da educação infantil, o uso do desenho como uma forma de expressão criativa e desenvolvimento cognitivo tem sido reconhecido por sua capacidade de estimular a imaginação, promover a autoexpressão e facilitar a compreensão de conceitos abstratos.

Segundo Vygotsky (2009), a criança busca representar a realidade em seus desenhos, mas a maneira como ela vê o mundo é diferente da visão dos adultos. Isso significa que o desenho infantil destaca aspectos que chamam mais a atenção da criança, coisas que ela sabe ou que lhe interessam.

Uma característica importante dos desenhos infantis, de acordo com Vygotsky (2009), é que a percepção da criança sobre o que ela vê não é fixa ou igual a uma fotografia. Em vez disso, essa percepção muda à medida que a criança se relaciona com o mundo ao seu redor, aprendendo novos conhecimentos, signos e significados do mundo cultural. Essa interação com o ambiente possibilita que a criança tenha novas impressões, percepções e interpretações, o que lhe permite enxergar coisas que antes não tinha visto e atribuir novos sentidos pessoais ao seu desenho.

É importante destacar que, de acordo com Vygotsky (2009), não há padrões adultos a serem atingidos no desenho infantil. O que motiva a criança é o desejo de que seu desenho seja reconhecido pelo outro como uma representação das coisas do mundo, de acordo com a sua visão e suas ideias. O desenho, portanto, é uma forma de comunicação para a criança.

Em resumo, o desenho infantil é uma ferramenta valiosa para entender o desenvolvimento psíquico das crianças. Ele mostra como a criança se relaciona com o mundo ao seu redor, como aprende e atribui significados às coisas.

De acordo com Boriollo (2022), Kellogg, Lowenfeld, Vygotsky e Mèredieu, também trouxeram contribuições importantes sobre o desenho infantil. Kellogg, em 1969; Lowenfeld, em 1980; Vygotsky, em 2009 e Mèredieu, em 2017, se dedicaram a interpretar os desenhos das crianças e apresentaram perspectivas sobre o desenvolvimento do desenho infantil. Esses pesquisadores se dedicaram a identificar padrões gráficos e traços comuns entre crianças da mesma faixa etária, buscando compreender as etapas do desenvolvimento do desenho infantil. Suas análises contribuíram para uma visão mais abrangente das capacidades criativas das crianças, destacando tanto as semelhanças quanto às variações individuais nesse processo.

Lowenfeld introduziu a Teoria do Desenvolvimento Artístico, que propõe estágios sequenciais pelos quais as crianças passam ao desenvolver suas habilidades artísticas, desde a fase de garatuja - rabiscos até formas mais elaboradas. Mèredieu, por sua vez, enfatizou a importância do rabisco espontâneo como um momento imprescindível de expressão livre da criança, enquanto Kellogg explorou a relação entre traços básicos de desenho e o desenvolvimento cognitivo infantil.

Ao reconhecer a importância dessas contribuições, torna-se possível traçar uma linha de evolução no entendimento do desenho infantil ao longo do tempo, permitindo aos educadores e pesquisadores uma base sólida para compreender e apoiar o desenvolvimento artístico das crianças.

Quadro 2 - Linha de evolução no entendimento do desenho infantil.

Linha de evolução no entendimento do desenho infantil			
Ano	Autor	Contribuição	Fonte
1959	Luquet	Destacou o caráter simbólico do desenho infantil, enfatizando a representação de ideias e sentimentos através de símbolos visuais.	Luquet, G. H. (1969). Le dessin enfantin.
1969	Kellogg	Enfatizou a importância do desenho na expressão infantil	Kellogg, R. (1969). The Psychology of Children's Art.
1980	Lowenfeld	Desenvolveu a teoria do desenvolvimento gráfico, identificando estágios de expressão artística	Lowenfeld, V., & Brittain, W. L. (1987). Creative and Mental Growth.
2009	Vygotsky	Postulou que o desenho infantil reflete o desenvolvimento cognitivo e social da criança	Vygotsky, L. S. (2004). Imagination and Creativity in Childhood.
2015	Derdyk	- Explorou a importância do processo criativo e da expressão pessoal no desenho infantil, valorizando o ato de criar.	
2022	Boriollo	Destacou a relação entre desenho e desenvolvimento neuropsicomotor das crianças, enfatizando como o desenho contribui para a construção da consciência na educação infantil.	

Fonte: adaptado pela autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da linha evolutiva do entendimento sobre o desenho infantil, é possível perceber como diferentes autores, ao longo do tempo, contribuíram para ampliar a compreensão sobre esse importante meio de expressão da criança. Desde a abordagem simbólica de Luquet até as reflexões mais recentes de Boriollo, observa-se uma valorização crescente do desenho não apenas como produto estético, mas como linguagem que traduz o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor da infância.

É importante compreender as ideias desses pesquisadores, pois elas influenciaram o ensino do desenho no Brasil, e isso nos permite aprofundar nossa prática pedagógica e entender melhor o processo de desenvolvimento das crianças, sob uma perspectiva neurocientífica. Vamos explorar mais sobre cada uma dessas perspectivas e entender como elas influenciam no processo de desenvolvimento global das crianças e quais os benefícios do desenho.

Cada autor, a seu modo, lançou luz sobre aspectos essenciais dessa prática, revelando que desenhar é, antes de tudo, um modo singular da criança se comunicar com o mundo e construir sentidos sobre si e o outro. Assim, compreender o desenho infantil é também reconhecer a criança em sua totalidade, em seu direito de expressar, criar e se desenvolver plenamente.

REFERÊNCIAS

- BORIOLO, Beatriz de Cássia. **As relações entre o desenho e o desenvolvimento da consciência na educação infantil à luz da Teoria Histórico-Cultural**. 2022.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. Panda Educação, 2015.
- IAVELBERG, R. **O desenho cultivado da criança, práticas e fomento aos educadores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zouk, 2017.
- KELLOGG, R. **Analyzing children's art**. Trad. Diorki. Palo Alto, California: Mayfield Publishing Company, 1969.
- LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. **Desarrollo de la capacidad creadora**. 2. ed. Buenos Aires, Argentina: Kapelusz, 1980.
- LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Trad. Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Ed. Minho, 1969.
- MÈREDIEU, F. **O desenho infantil**. 12. ed. Tradução: A. Lorencini, & S. Nitrini. São Paulo: Cultrix, 2017.
- MELO, João Ozorio de. **Consultores explicam como vencer a estratégia do cérebro reptiliano**. 2019. Disponível em: <https://factotumcultural.com.br/2019/05/06/consultores-explicam-como-vencer-a-estrategia-do-cerebro-reptiliano/>
- VYGOTSKY, L. **A Imaginação e a Arte na Infância**. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.